

Sonho Burocrático DF - Brasília

23 AGO. 1987

Em no centro da crise brasileira, aninha-se o estranho problema de Brasília. A capital artificial foi construída no final da década de 50, porque se dizia que o centro de decisões da República estava distante do coração do país.

Tentou-se uma "centralização" geográfica; e o que se conseguiu foi tornar a capital ainda mais distante do país real. Isto é o que se vê nitidamente no padrão de comportamento do *homo brasiliensis*, que é, por definição, o "homem da corte", o funcionário do Poder central.

A burocracia brasiliense ainda não acordou para o fato de que a máquina do Governo não produz riqueza; muito pelo contrário, consome-a com voracidade proporcional ao seu tamanho. Até uma certa época, o país ainda podia pagar por isso — como pagou, e muito caro, a ponte aérea que construiu a cidade.

Mas a burocracia não dorme — ou não acorda. O dinheiro lhe é abstrato — pois é só criar mais impostos que ele aparece (até quando?); ou então, é fazer funcionar a "guitarra" monetária. Há um "buraco" no orçamento? Aumenta-se este ou aquele imposto (trata-se, agora, do Imposto de Renda).

Diminuir o tamanho do Estado é idéia que parece não passar pelos corredores tecnocráticos. Afinal, não se corta tanto excesso de gordura sem fazer pingar algumas gotas de sangue; e os burocratas de Brasília são muito sensíveis, já que vivem eternamente entre papéis.

O país não é grande? Não se diz que tem muitas riquezas? Para que entrar, então, pelo caminho escuro da austeridade? É muito mais fácil criar um emprego no papel do que investir o dinheiro necessário à criação do emprego real (pois investir é arriscado). Se o Estado pode tudo, para que correr esses riscos?

Além do mais, em Brasília todos se conhecem. Faltando emprego aqui, logo aparece outro ali. A máquina estatal sempre se presta a um novo alongamento. Ela tem a volúpia da expansão. É como uma gigantesca termiteira, regurgitando de pequenos habitantes. Um se consola no outro do isolamento palaciano. Os corredores filtram bem os embates da realidade. A realidade está longe, nos grandes centros — ou em regiões produtivas onde a única proteção é o dinamismo de quem trabalha.

É ao longe, de Brasília, que se vê o Brasil. Até quando poderemos pagar por esse delírio burocrático?

JORNAL DO BRASIL